

Simpósio Temático: **Leituras, diálogos e conflitos: as relações no espaço construído e imaginado entre Brasil, América e Europa.**

Coordenação: **Profa. Dra. Silvana Rubino, UNICAMP**

Autor: **Dr. Fernando Atique, Professor Adjunto I de Espaço e Patrimônio Edificado, no Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo.**

Trabalho: **Os Diplomados em Arquitetura na “University of Pennsylvania” e suas Trajetórias no Brasil.**

**Resumo:** A formação em Arquitetura na *University of Pennsylvania* – Penn – teve início em 1873. Naquele momento, instaurou-se um curso devotado à formação de bacharéis em Arquitetura, com duração de quatro anos. Paralelamente, foi instalado, também, um processo de formação mais rápido, que nos anos de 1890 foi oficialmente regulamentado e que fornecia certificados de proficiência em Arquitetura. Este curso era destinado a profissionais que tivessem desempenhado, na área, atuação como desenhistas, construtores ou mestres de obras. Ele se voltava, ainda, a estudantes que tivessem realizado parte de um curso similar em qualquer academia de ensino superior ao redor do planeta. Essas opções de estudo da arquitetura facilitavam a matrícula de um grande número de estudantes, incluindo brasileiros, que cientes das diversas possibilidades para a obtenção de uma formação optavam pelos cursos especiais ou parciais, eliminando o problema de pagarem por muitos anos as dispendiosas mensalidades e taxas de uma universidade estrangeira. Os brasileiros que rumaram para a Penn, procurando instrução em Arquitetura, foram George Krug, Christiano Stockler das Neves, Eugênio de Almeida Castro, Edgard Pinheiro Vianna, Fernando Gama Rodrigues e Washington Azevedo. A eles somam-se dois americanos que, no Brasil, fizeram carreira: William Procter Preston e John Pollock Curtis. As trajetórias profissionais desses atores sociais, no Brasil, revelam diálogos e conflitos que permitem verificar os laços do Brasil com os Estados Unidos por meio do espaço construído. É, pois, estudando os projetos e os pronunciamentos de alguns desses personagens em tela que se mostrará como essa universidade fez circular ideias pelo

continente americano, e, em específico, pelo Brasil, revelando mobilizações, adaptações e transformações no desenho do espaço construído.

**Palavras-Chave:** *University of Pennsylvania*; Brasil; Estados Unidos.

**Article:** **The architectural trajectory of the University of Pennsylvania's alumni in Brazil**

**Abstract:** The architectural education at the University of Pennsylvania - Penn - began in 1873. At that time, this university introduced a course devoted to the training of graduates in Architecture, lasting four years. In parallel, they started, also, a faster training process, which provided certificates of proficiency in Architecture. This short course was officially installed in 1890, and attracted students from all over the world. This short career attracted professionals who have yet played in the area, as designers, builders and masons. These options for the study of architecture facilitated the registration of a large number of students, including Brazilians, who aware of the various possibilities for obtaining training courses opted by special or partial ones, eliminating many problems, such as the payment of tuitions and fees from a foreign university. The Brazilian headed for Penn, seeking instruction in architecture, were George Krug, Christiano Stockler das Neves, Eugenio de Almeida Castro, Edgar Pinheiro Viana, Fernando Gama Rodrigues and Washington Azevedo. To these are added to two Americans who, in Brazil, made a career: William Procter Curtis Preston and John Pollock. The career paths of these social actors in Brazil reveal readings and conflicts that expose the ties between Brazil and the United States through the buildings. It is therefore studying the designs and the pronouncements of those characters on screen that will show how this university has circulated ideas throughout the American continent, and in particular, Brazil, revealing movements, adjustments and transformations in the design of built space.

**Key words:** University of Pennsylvania; Brazil; United States.

## Os Diplomados em Arquitetura na “University of Pennsylvania” e suas Trajetórias no Brasil

Em 17 de abril de 1947, Leonard C. Dill Junior, então secretário da *General Alumni Society*, da *University of Pennsylvania*, redigiu a seguinte carta:

*"Caro Sr. Neves: Acaba de chegar ao meu escritório, da parte de P.N. de Abreu, cônsul brasileiro na Filadélfia, a informação de que você foi eleito prefeito da cidade de São Paulo e esta nota traz, consigo, meus sinceros parabéns. Como editor da PENNSYLVANIA GAZETTE [sic], gostaria de lhe pedir que me enviasse uma fotografia em papel brilhante, de si próprio, juntamente com alguns parágrafos de breve material biográfico para que possamos incluir seu nome entre os proeminentes Pennsylvanians que são publicados a cada mês na Gazette, a publicação de ex-alunos da University of Pennsylvania. Tenho certeza que nossos alunos ao redor do mundo irão se interessar em ler sobre o seu sucesso incomum. Espero, portanto, que eu possa contar com sua imediata atenção a esta solicitação"* [tradução minha] (CARTA DE LEONARD C. HILL A C.S. DAS NEVES, 17/04/1947; UNIVERSITY ARCHIVES).

O destinatário da carta era o fundador do curso de Arquitetura do Mackenzie College, o paulista Christiano Stockler das Neves, antigo estudante da *University of Pennsylvania* – Penn. A carta demonstra, mesmo sendo breve, a existência de uma rede de contatos alinhavando atores sociais, instituições e países. É sobre esta rede que se debruça este artigo, cujo foco principal é apresentar a contribuição de personagens para a construção de instituições e de um campo profissional em que foram empregadas referências americanas como opções válidas e complementares às de origem europeia, no país. O objetivo aqui é, longe de desmontar uma trama historiográfica na qual se enxerga, claramente, a presença europeia, apresentar os nichos nos quais as referências americanas foram empregadas. Em linhas gerais, a argumentação parte do pressuposto de que a ação do arquiteto, no Brasil, foi construída dentro de uma rica e plural conjugação de referências, o que atesta o

caráter não-geográfico do conhecimento e a consequente circulação de ideias que matizou os anos finais do século XIX e o princípio do século XX.

### **Arranjos Educacionais: A *University of Pennsylvania* e suas ‘Arquiteturas’**

Neste sentido, torna-se interessante perceber que a própria instituição de ensino, a Penn, embora tenha sido a responsável pela formação de mais de 200 brasileiros, em diversas áreas do conhecimento, entre 1876 e a presente data, não é uma das mais citadas ou estudadas no ambiente acadêmico nacional (ATIQUÉ, 2007). Mais especificamente, no âmbito arquitetônico, encontrar referências à Penn não é tarefa das mais fáceis, uma vez que as mais explícitas são as obtidas em obituários de arquitetos ou em textos não-acadêmicos, revelando indícios de uma história a ser escrita. Por outro lado, a pesquisa efetuada revelou que a formação em Arquitetura, na Penn, teve início no ano de 1873, pelas mãos do arquiteto Thomas Webb Richards. Este curso era oferecido dentro do *College*, que era uma das unidades dessa universidade que contava, naquele momento, também com uma escola de Direito, uma Escola de Medicina e uma Escola de Odontologia. Este curso de Arquitetura ligado ao *College* durava, oficialmente, quatro anos, embora, como apontou Edwin Bateman Morris, antigo aluno e professor da casa, os dois primeiros anos “*eram devotados aos estudos acadêmicos – uma sequência de conteúdos ‘formadores de mentes’*” – e apenas os dois últimos, aos de arquitetura, propriamente dita (MORRIS, 1934, p.12). Como se vê, a formação em arquitetura existiu ainda nos anos de 1870, mas, de fato, graduou poucos profissionais. A adesão ao curso de arquitetura se dava sem a necessidade de se cursar os anos básicos do *College*, caso o aluno fosse aprovado em exames de suficiência, aplicados pelos docentes da casa. Dessa forma, ao invés de quatro anos, o curso se reduzia a dois. Como algumas publicações acerca do ensino de arquitetura nos Estados Unidos revelam, havia forte ênfase no entendimento e na reprodução dos estilos britânicos, e, muitas vezes, a forte tradição de edificação em tijolos da Filadélfia, tornava-se condição *sine qua non* dos projetos acadêmicos (FOUNDATION FOR ARCHITECTURE, 1994, p.14).

Se, primeiramente, o curso foi oferecido dentro do *College*, por meio do *Department of Arts*, sabe-se que, depois, ele passou para a responsabilidade da escola de engenharia – a *Towne Scientific School* – e, na década de 1890, tornou-se uma escola própria, a *School of Architecture*, inaugurada em 7 de outubro de 1890,

sob a direção de Theophilus P. Chandler, arquiteto atuante na cidade da Filadélfia (ARCHITECTURAL RECORD, 1901, p.315).

Com a institucionalização da *School of Architecture*, havia, além do curso de bacharelado de quatro anos, um curso de curta duração, designado *Special Course in Architecture*, que, ao invés de expedir o grau de Bacharel em Arquitetura, emitia um “Certificado de Proficiência em Arquitetura”, após dois anos. Este curso era destinado a profissionais que tivessem desempenhado, comprovadamente, na área, atuação como desenhistas, construtores ou mestres de obras. Ele se voltava, ainda, a estudantes que tivessem cursado parte de um curso similar em qualquer academia de ensino superior ao redor do mundo. Quem seguisse o *Special Course*, poderia estender seus estudos mediante outro curso de *Interior Architecture*, também de dois anos, tendo direito a um diploma especial (UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, CATALOGUE AND ANNOUNCEMENTS, 1893-94, p.158).

Entretanto, uma ressalva deve ser feita. Há informações, nos catálogos consultados, de que os estudantes que fossem considerados impossibilitados de se encaixar em um dos dois modelos de cursos propostos, poderiam, ainda assim, ser admitidos como “*Partial Students*” (estudantes parciais) nessas linhas de estudo, conforme seus exames preparatórios os atestassem aptos (UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, CATALOGUE AND ANNOUNCEMENTS, 1893-94, p.165). Toda esta gama de arranjos educacionais para se cursar a *University of Pennsylvania* deve ser vista como uma tentativa de atrair o maior número possível de estudantes, já que ela era mantida, em grande medida, pelas taxas cobradas dos matriculados, muito embora recebesse subvenções estatais. Como no século XIX os Estados Unidos ainda padeciam de certa desigualdade de instrução entre seus diversos estados, permitir arranjos especiais aos estudantes interessados em cursar as instituições superiores de ensino, garantia uma qualificação do trabalho a ser utilizado no desenvolvimento da indústria e dos setores de serviços nacionais. Por outro lado, esta facilidade de acesso favoreceu a chegada de estudantes internacionais que, cientes<sup>1</sup> das diversas possibilidades para a obtenção de uma formação - aliado ao fato de que as taxas se tornavam exauríveis, em função do câmbio desfavorável de suas moedas -, optavam

---

<sup>1</sup> A *University of Pennsylvania* enviava, nos últimos anos do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, panfletos informando sobre os cursos oferecidos. Antigos estudantes, residentes em outros países, também recebiam essa documentação, o *University Archives and Records Center*. que ajudava a atrair colegas para novas turmas. Documentos existem no

pelos cursos especiais ou parciais, eliminando o problema de pagarem por muitos anos as taxas e mensalidades de uma universidade estrangeira. No caso da Arquitetura, esta opção foi frequente, e a grande maioria dos brasileiros que se dirigiu à Penn valeu-se desta possibilidade de formação mais rápida.

A *School of Architecture* passou por diversas remodelações ao longo de sua história. Uma das mais expressivas foi a contratação de Paul Philippe Cret,<sup>2</sup> arquiteto diplomado pela *École Nationale de Beaux-Arts de Lyon*, na França, em 1901, e premiado com o *Grand-Prix de Paris* neste mesmo ano, que permitiu o ingresso da *University of Pennsylvania* na tendência estadunidense de afrancesamento de suas graduações em Arquitetura, processada desde meados da década de 1890 (GROSSMAN, 1996, p.XV). Com a chegada de Cret,<sup>3</sup> o ensino assumiu uma postura mais próxima dos dogmas das *Écoles* francesas, mas não seguiu totalmente o método de ensino nelas empregado.<sup>4</sup> Por força do pragmatismo americano, a formação artística foi simplificada e aliada ao caráter técnico que dominava a educação em engenharia, e da qual, não por acaso, a graduação da Penn havia saído há pouco. A segunda reforma diz respeito à transformação, em 1920, da *School of Architecture*, em *School of Fine Arts*, mudança que, mais do que incorporar os cursos de graduação em música e artes, intentou traduzir, literalmente, sua vinculação às *Écoles de Beaux-Arts*, embora já ostentasse a separação da carreira do arquiteto em três campos: a do *Architect*, a do *Urban Designer* e a do *Landscape Architect*, seguindo a peculiar estrutura profissional americana (KOYL, 1934, p.10).

## **Desenhando as Américas: rastros e traços da Penn, no Brasil**

Mas qual é o legado da Penn, no Brasil? Como visto, a ministração do curso de arquitetura passou por diversas fases, e estas alterações de currículo repercutiram no

<sup>2</sup> A melhor fonte para o estudo da trajetória profissional deste arquiteto é o livro de *Elizabeth Greenwell Grossman*, de título *The Civic Architecture of Paul Cret*, editado pela Cambridge University Press, em 1996.

<sup>3</sup> Muito interessante é notar que Cret, em carta enviada a seu tio Fleury Bernard, informa acerca de sua aceitação das condições de trabalho na Penn, que incluía liberdade de ensino e salário de 15 mil francos por mês, e, principalmente, que era seu desejo *viver um pouco a vida americana*: "Aqui eu estou muito feliz, porque você sabe que eu queria sentir um pouco da vida americana" [tradução minha]. (CRET, 1903, citado por GROSSMAN, 1996, p.223).

<sup>4</sup> O arquiteto Lucio Costa, em entrevista concedida a Hugo Segawa, nos anos 1980, pontuou que, de fato, *École de Beaux Arts* e *School of Fine Arts* não deveriam ser vistas como a mesma coisa. Enquanto a primeira conservava o intuito de formação artística global, preservando a separação em artes maiores e artes menores, as *School of Fine Arts* reduziam a formação apenas às artes "mais finas", indicando certa seleção e a incorporação de um pragmatismo à formação, sobretudo de arquitetos. Dessa forma, mesmo contando com um francês em seu corpo docente - Cret - a *School of Fine Arts* da Penn ajudou a fixar uma maneira de formação em arquitetura, tipicamente americana, ensaiada desde o princípio de seu curso, em 1873, pelas mãos de Thomas Webb Richards.

modo como cada um dos egressos desenvolveu sua carreira. O primeiro brasileiro a se matricular num dos cursos de Arquitetura da Penn foi George Henry Krug, arquiteto e professor de importantes instituições paulistanas de ensino superior, em fins do século XIX e início do XX.

Nascido em Campinas, interior paulista, em 03 de dezembro de 1860, George Henry Krug era filho do alemão Wilhelm Gustav Heinrich Krug e da americana Amely Catherine Bailey Krug (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER G. KRUG). A família de George Krug residiu durante alguns anos nos Estados Unidos, vindo, depois, ao Brasil, fixando-se em Campinas, no último quartel do século XIX, e, posteriormente, em São Paulo, em princípio do século XX (LEMOS, 1993, p.3). Já no Brasil, o casal teve George Henry Krug e Arthur Gillum Krug, e, posteriormente, em 1889, em Taubaté, Bernard McDowell Krug, o caçula (UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, THE MEDICAL SCOPE, 1914).

Nos documentos consultados nos Estados Unidos, principalmente nos arquivos referentes ao ex-alunos da Penn, descobriu-se que os três Krug ali estudaram. A presença dos três irmãos Krug na mesma instituição de ensino permite ver que, para além da manutenção dos nomes ao gosto da terra da mãe, a família conservou o ideário de que os Estados Unidos era detentor de uma formação respeitável em cursos superiores. Deve-se expor, em contrapartida, que no momento em que George Krug foi estudar arquitetura na Penn, São Paulo não contava com nenhum curso que habilitasse a esta prática profissional, e, mesmo em nível nacional, apenas a Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro, garantia esta formação, mas, com pouco prestígio (DURAND, 1989, p.98). Ainda com relação ao envio de esses irmãos aos Estados Unidos está o fato de seu pai ter tido grande trânsito junto à elite paulista, o que fez com que o casal seguisse o mesmo costume dessa classe social, que enviava seus filhos para se graduarem em Cornell e na própria Penn<sup>5</sup> (BERNARDINI, 2008, ATIQUÉ, 2007).

Comprovando a tese de que cursos mais curtos atraíam mais adeptos estrangeiros, inscreve-se George H. Krug, que se matriculou no curso especial, de curta duração. Este curso especial frequentado por Krug, até sua entrada, havia

---

<sup>5</sup> Embora tenha afirmado, em trabalhos anteriores (ATIQUÉ, 2008, ATIQUÉ, 2007), ter havido uma conexão intencional entre as universidades americanas e as “Escolas Americanas” do Brasil, no caso dos Krug esta ligação não pôde ser comprovada. Entretanto, sabendo-se que Wilhelm Krug foi o construtor do Colégio Internacional em Campinas, e, posteriormente, residiu em São Paulo, envolvendo-se com a execução do Hospital Samaritano, também, presbiteriano, é provável que tenha matriculado os filhos em uma dessas instituições.

diplomado apenas sete estudantes. No ano em que obteve o certificado de proficiência em arquitetura, 1885, ele foi o único aluno. Não foi possível identificar qual era o programa de curso que estes alunos pioneiros cursaram na Penn por inexistência de registros. Contudo, analisando a mais antiga referência à constituição dessas “*instruções em arquitetura*”, o catálogo de 1872, foi possível detectar que Thomas Webb Richards ministrava uma gama de disciplinas de “Desenho” (UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, 1872, p.9-10,15-16). Em comparação com o *Special Course in Architecture*, oferecido pela *School of Architecture*, depois de 1890, nota-se que o programa de estudos para a certificação de um arquiteto, nos anos iniciais dessa habilitação na Penn, não era muito diferente do que viria a ser oficializado com a criação da *School of Architecture*. A falta maior recaía sobre os conteúdos de história da arquitetura, que, possivelmente, eram ministrados no momento das aulas práticas, quando da reprodução dos modelos em gesso, e no desenvolvimento de projetos.

Tendo terminado o curso de dois anos, Krug regressou ao Brasil, Proficiente em Arquitetura. Valendo-se do campo de trabalho aberto por seu pai, no Brasil, passou a trabalhar junto dele, primeiramente, em Campinas, e, logo em seguida, em São Paulo, certas vezes sendo denominado de *arquiteto*, outras de *engenheiro*. Na capital paulista, pai e filho desenvolveram o projeto do Hospital Evangélico, depois chamado de Hospital Samaritano, inaugurado 1894, na atual rua Conselheiro Brotero, em Higienópolis, pois eram membros da Igreja Presbiteriana. Ainda no bairro de Higienópolis, segundo Maria Cecília Naclério Homem, a firma Guilherme Krug & Filho construiu um chalé em “*estilo campestre*” para Ira Baumgardner, dentista egresso da Penn, à avenida Higienópolis, 22; duas residências para Martinho Burchard, uma à avenida Higienópolis, 20, e, a outra, à rua Aracaju, além da casa da família, no mesmo bairro (HOMEM, 1981, p. 79-80, 82-83). Sabe-se que a produção arquitetônica de George Krug era vinculada a programas e estéticas caras ao mundo americano, como o *Queen Anne Style*. Este fato permite expor que seus vínculos com a pátria onde estudou nunca foram rompidos (ATIQUE, 2009). Sylvia Ficher relata, também, que, em 1904, Krug e seu pai foram selecionados e premiados com a medalha de Prata na Exposição Internacional de Saint Louis, nos Estados Unidos. O projeto apresentado, segundo esta autora, foi o de um armazém para o Engenho Vitoria, de propriedade da E. Johnston & Co., em estilo *Queen Anne* simplificado, edificado em São Carlos, no interior paulista (FICHER, 1989, p.108).

No campo da regulamentação profissional, Krug fez parte da Sociedade de Arquitetos de São Paulo, fundada em 1911, e do Instituto de Engenharia, fundado em 1917, dentro da Politécnica, onde era docente (LEMOS, 1993, p.83). Aliás, torna-se interessante perceber que muitos alunos graduados na Penn foram responsáveis ou foram sócios pioneiros das agremiações profissionais no Brasil. Além de Krug, William Procter Preston e John Pollock Curtis, figuram como fundadores da Sociedade Central de Arquitetos, organizada em 1921, no Rio (ARCHITECTURA NO BRASIL, 1921, n.1, p.24). Esses arquitetos americanos, radicados no Brasil, também são egressos da Penn.

Preston foi o primeiro americano graduado a imigrar ao Brasil para exercer a profissão de arquiteto. Nascido em 19 de outubro de 1877, na Filadélfia, era filho de David Preston e de Harriet Hoskins. Com 18 anos, ingressou no curso de Arquitetura da Penn, diplomando-se, como *Bachelor in Sciences – Architecture*, em 1900. Em 1921, estava fixado no Rio, conforme anunciado na revista **Arquitetura no Brasil**, já citada. Ali, montou escritório com um colega de universidade, John Pollock Curtis. Uma das primeiras referências à atuação dessa dupla, no Brasil é o projeto da sede da empresa anglo-canadense *The Rio de Janeiro Tramway, Light and Power Co. Ltd.* em São Paulo, ao lado do Viaduto do Chá. Este projeto, datado de 1924, começou a ser construído, em 1925, pelo Escritório Técnico Ramos de Azevedo. A inauguração aconteceu em 1929, e o prédio recebeu o nome de Alexandre Mackenzie, referenciando-se ao antigo presidente do grupo, Alexander Mackenzie. As referências espaciais do edifício são nitidamente americanas, sobretudo vinculadas às lojas de departamento em expansão nos Estados Unidos e na Europa naquele momento, além de edifícios institucionais vazados dentro do repertório *Beaux-Arts* praticado nas *Fine Art Schools* americanas, e que Preston chamava de “*French Reinassance*”. Uma das referências mais nítidas é a do *Pacific Mutual Building*, de Los Angeles, edifício projetado por John Parkinson e Edwin Bergstrom, em 1908. É possível detectar, também, claras referências à loja de departamentos *Selfridge’s*, de Londres, fundada pelo americano Gordon Selfridge, em 1909, e edificada segundo os riscos do projeto arquitetônico do americano Daniel Burnham (ATIQUÉ, 2007).



Figura 1: Selfridge's, em Londres. Projeto de Daniel Burnham. Fonte: ATIQUÉ, 2007.



Figura 2: Edifício Alexandre Mackenzie em cartão postal. Fonte: Acervo do Autor.

Mediante a papelaria encontrada em seu prontuário na Penn, foi possível detectar que no final da década de 1920, o escritório estava em franco crescimento, uma vez que ocupava um andar da rua Buenos Aires, no centro do Rio de Janeiro, com telefone e serviço telegráfico. Por meio de um cartão profissional foi possível, também, detectar que ambos pertenciam ao *Instituto Central de Architectos* do Rio, e ao *American Institute of Architects* – AIA – nos Estados Unidos (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER W.P. PRESTON). Por saber dessa vinculação ao órgão de classe carioca e das dimensões do escritório, refuta-se a ideia de que a dupla manteve apenas um braço comercial, no Rio de Janeiro, apenas para as obras da Light (LEMOS, 1993, p.96). A propósito, com relação ao escritório, conseguiu-se descobrir, por meio da pesquisa no jornal carioca **O Paiz**, a seguinte descrição de Preston e de seu escritório:

*“O Sr. W.P. Preston, que nos atendeu, é uma figura típica de americano, alto claro, que nos falou em mangas de camisa, sorridente. Seu atelier deixa funda impressão de ordem e trabalho. Á entrada, em pequeno hall, uma campainha espera o visitante. Ali não se perde um empregado. Este so aparece no momento preciso. Paredes revestidas de madeiras, numa decoração discreta e elegante. Na saleta de espera uma janela com verdes gradis dá uma nota agradável de serenidade. Ao fundo, aproveitando a luz da rua, o quadro grande com os cavaletes, as plantas, os esboços. O Sr. Preston é synthetico e claro. Accedendo à nossa solicitação, só um detalhe o aflige: quer responder em portuguez e maneja mal o nosso idioma... marca-nos dia e hora. Ao voltarmos ao seu escriptorio, o toque da campainha traz-nos a empregada, que já tem em seu poder, devidamente dactylographadas, as respostas. All right!” (O PAIZ, 1º de julho de 1928, p.1).*

As páginas datilografadas faziam parte de um inquérito, organizado pelo jornal, que intentava discutir a pertinência e as consequências dos arranha-céus no Rio de Janeiro. O jornal publicou, então, as considerações de Preston, que falava em nome de seu escritório, sobre este tema, propalado como *“claramente americano”*:

*“Os srs. Preston e Curtis responderam syntheticamente, numerando as respostas de acordo com as perguntas:*

**[1ª – Como justifica a existência do arranha-céo?]**

*É uma consequência do reconhecimento das necessidades económicas modernas.*

**[2ª – Acredita que o arranha-céo tende a se fixar nas grandes capitais?]**

*Sim, porque as grandes capitães são os centros de finança e commercio, onde estas necessidades serão reconhecidas.*

**[3ª – Julga o arranha-céo susceptível de receber novas manifestações de architectura?]**

*Os arranha-céos representam a solução architectonica das modernas exigencias sentidas pela humanidade e, como estas se tornarão mais claramente reconhecidas, elle preencherá cada vez mais satisfatoriamente as exigências tanto materiaes como artísticas. Um desenvolvimento bem definido de estylo nos arranha-céos pôde ser observado durante os últimos vinte e cinco annos de construção de taes edificios nos Estados Unidos, onde primeiro se reconheceu esta necessidade moderna.*

**[4ª – Qual o processo de construcção que convém ao arranha-céo?]**

*Concreto armado até 13 andares, uma combinação de concreto armado e estrutura de aço entre 13 e 20 andares e estrutura de aço de 2º andares para cima.*

**[5ª – Em que estylo deve ser tratado o arranha-céo?]**

*Como os ‘estylos’ conhecidos são todos históricos e como o arranha-céo é um ‘typo’ de edificio moderno, é evidente que o architecto moderno não pode estar preso pelo ‘etylo’ nos projectos de arranha-céos.*

**[6ª – Acha o arranha-céo compatível com nosso ambiente?]**

*Como o Brasil é o mais moderno paiz do mundo na fórma de governo, nas leis legislativas civis, criminaes e no desenvolvimento das profissões e sciencias, é*

*evidente de si mesmo que o modernismo da architectura em nosso ambiente vae pegar...*” (O PAIZ, 1º de julho de 1928, p.1 e 4).

Preston lança importantes considerações sobre os Estados Unidos em seu depoimento, e, como já visto, colocava-se como autoridade para discorrer sobre este tema, por ser, exatamente, nativo dos Estados Unidos.

William Procter Preston retornou aos Estados Unidos, mais precisamente ao Texas, na década de 1950. Conforme ofício encaminhado à Penn, pelo *United States of America Operations Mission to Brasil*, assinado por Audrey Paterson, em 17 de março de 1955, ele faleceu, em meados de 1954, naquele país (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER W.P. PRESTON).

Assim como William Procter Preston, John Pollock Curtis<sup>6</sup> imigrou dos Estados Unidos para o Brasil para desenvolver sua carreira como arquiteto. Formado pela *School of Architecture* da Penn, em 1909, Curtis foi aluno logo após a chegada de Paul Philippe Cret à universidade. John P. Curtis foi estudante de destaque como atestam a medalha de bronze, conquistada numa competição estudantil promovida pela Penn, e a sua participação na seleta *Architectural Society*, da qual foi tesoureiro e editor do *Architectural School Year Book* (THE RECORD OF THE CLASS OF 1909, p.31).

Em 1923, escreveu, a pedido da revista americana *Art and Archaeology*, publicada pela *The Archaeological Society of Washington*, um artigo chamado “*Architecture of the Brazil Centennial Exposition*”. A realização da Exposição do Centenário da Independência do Brasil deu chance para mostrar seus laços de relacionamento social no país, e permite, hoje, aos leitores, encontrarem, em pormenores, descrições dos edifícios erigidos para aquele evento (ART AND ARCHAEOLOGY, 1923, n.3, p.95-114).

Se a trajetória de Preston mostrava ligações irrefutáveis com os Estados Unidos, a de Curtis, se particularmente observada, permite ver que ele, casado e radicado no Brasil, encontrou emprego, a partir de 1943, como Analista Econômico e trabalhou como “*Auxilliary Officer*”, na Embaixada Americana, no Rio de Janeiro,

---

<sup>6</sup> Curtis nasceu em 28 de julho de 1888, em Nova Orleans, estado da Louisiana, como filho de David Martin e Fannie S. Curtis. Seu prontuário, na Penn, indica que ele concluiu o ensino secundário no *Simmons College*, em Abilene, no Texas. Faleceu no Rio de Janeiro, em novembro de 1954, conforme ofício encaminhado à Penn, por Audrey Paterson, em 17 de março de 1955, o mesmo documento que anunciou a morte de seu sócio, Preston, naquele mesmo ano (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER J.P. CURTIS e FOLDER W.P. PRESTON).

colaborando com o período da consolidação da Boa Vizinhança, por meio do *United States of America Operations Mission to Brasil* (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER J.P. CURTIS). Se, Curtis, como americano, parece simplificar o processo de diálogo e conflito entre Brasil e Estados Unidos, exatamente por ser um estrangeiro, devemos introduzir, então, um fator novo, que é o relacionamento constante e explicitamente prospectivo de Christiano Stockler das Neves com relação à terra de Tio Sam. Nascido em Casa Branca, interior de São Paulo, em 1889, Neves era filho do engenheiro Samuel das Neves, formado em Agronomia pela Imperial Escola Agrícola da Bahia, de São Bento das Lages, em 1882. A vivência ao lado do pai, engenheiro radicado em São Paulo desde a última década do século XIX, permitiu a Christiano das Neves entender a questão arquitetônica sob o ponto de vista comercial, antes de rumar para os Estados Unidos. A firma de seu pai era especializada em projetos para a alta burguesia paulista e construía muito, valendo-se de profissionais estrangeiros, recém-chegados à capital, numa espécie de terceirização de serviços (PEREIRA, 2005, p.237; SAMPAIO, 1996).

Nos primeiros anos do século XX, embora as profissões de arquiteto e de engenheiro ainda não fossem regulamentadas, no Brasil, o que garantia a Samuel das Neves o direito de projetar arquitetura, a concorrência era ferrenha, e os profissionais especializados em Arquitetura, empregados por Ramos de Azevedo, seu principal concorrente, roubavam a cena e muitos projetos. Como aponta o arquiteto Gustavo Pereira, na dissertação de mestrado ***Christiano Stockler das Neves e a formação do Curso de Arquitetura no Mackenzie College***, de 2005, tentando suprir essa carência, em 1907, Christiano das Neves resolveu cursar arquitetura (PEREIRA, 2005, p.239).<sup>7</sup> Pela análise do prontuário de Neves, percebe-se que sua matrícula aconteceu em 23 de setembro de 1909 (THE RECORD OF THE CLASS OF 1911). Importante é mostrar que ele optou pelo *Special Course*, de dois anos. Segundo sua ficha de aluno, ele foi admitido após exames de proficiência em Desenho à Mão Livre e de História da Arquitetura, ocorridos, ambos, em 01 de abril de 1910, um semestre após sua matrícula oficial, na Penn. Christiano das Neves vivenciou o período de modificações

---

<sup>7</sup> Embora Pereira sustente que Neves primeiramente ingressou na Escola Politécnica, em São Paulo, abandonando-a em favor dos Estados Unidos, outra pesquisadora, Maria Teresa Szolnoky afirma que ele só ficou sabendo da existência da *University of Pennsylvania* quando já se encontrava nos Estados Unidos, mais precisamente na cidade de Syracuse, hospedado na casa de uma família americano-brasileira, cujo nome omitiu Christiano quando entrevistado, nos anos 1980. A proximidade desta cidade com a *Cornell University*, tradicional no ensino de arquitetura, e com fortes vínculos brasileiros, leva a supor, embora a autora não faça tal relação, que das Neves intentava matricular-se no curso de arquitetura daquela instituição (SZOLNOKY, 1995, p.133).

nas aulas de *Design* implementadas pelo arquiteto Paul Philippe Cret, que procurou adequar a formação tradicional da *École de Beaux-Arts* aos sistemas americanos, sobretudo o que expedia certificados de proficiência na carreira, a cada dois anos, ao invés dos longos anos de estudo despendidos numa instituição francesa, por exemplo. Embora mais rápido e mais barato do que o curso de quatro anos, as horas necessárias para o cumprimento ideal desse curso eram muitas. Como a *School of Architecture* enfatizava em seu catálogo de disciplinas, “o estudo de desenho [era] então enfatizado, exigindo um dispêndio significativo de tempo ao longo do curso em seus temas preparatórios e adicionais” (UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, CATALOGUE, 1910-1911, p.147).

A certificação de Stockler das Neves ocorreu em 21 de junho de 1911. Logo em seguida, assim como acontecera com Gilberto Freyre, Stockler das Neves embarcou para a Europa, onde permaneceu seis meses, visitando 26 localidades em diversos pontos daquele continente (SZOLNOLKY, 1995, p.134). De volta ao Brasil, em 1912, associou-se ao seu pai, dando origem ao escritório “*Samuel A. das Neves – Engenheiro – e Christiano Stockler das Neves – Architecto*”. A dupla trabalhou junta por mais de 25 anos, edificando construções públicas e particulares e consolidando um nicho de mercado, aberto no final dos oitocentos por Samuel das Neves, na São Paulo que se industrializava.

Mediante todo o material publicado por Christiano Stockler das Neves na imprensa brasileira, sobretudo nas páginas da revista ***Arquitetura e Construções***, nota-se que Paul Cret era, para ele, uma espécie de “*messias*”, alguém de quem gostaria de ser próximo, e de alcançar elogios, como uma carta datada de 05 de dezembro de 1923, enviada ao Professor Warren P. Laird, seu antigo ‘*dean*’, demonstra:

*“De acordo com o que eu o escrevi tempos atrás, Eu recebi uma encomenda do meu Governo para projetar as duas mais importantes estações de trem deste país, uma nesta cidade, e, a maior delas, para o Rio de Janeiro. Da estação de São Paulo eu mandei uma fotografia da elevação frontal e, agora, eu estou enviando um jogo completo de fotos da Grande Estação Central do Rio de Janeiro. (...) Eu apreciaria muito conseguir a sua e a opinião do Professor Cret sobre este meu trabalho. Agora, eu peço um grande favor: Caso o senhor veja que estes desenhos merecem ser publicados em qualquer importante revista americana de Arquitetura, eu solicito que interceda junto ao editor, por mim. (...) Como o senhor pode ver, meu trabalho foi feito seguindo esses maravilhosos planos dos grandes terminais de seu país, com as necessárias adaptações que*

*me foram dadas. Agora, se os membros da Junta ferroviária e outros do Governo brasileiro virem meu trabalho publicado numa revista estrangeira, eles prestarão mais atenção. (...) Seria muito bom se o Professor Cret mandasse-me sua crítica escrita em francês. O senhor, por favor, o pediria a ele este favor?"* [tradução minha] (CARTA DE C.S. DAS NEVES A W.P. LAIRD, 05 dez 1923; LAIRD PAPERS).



Figura 3 – Cliche com Elevação da Estação Sorocabana, enviada por Neves, aos Estados Unidos, junto com a carta de 05 de dezembro de 1923.  
Fonte: University Archives and Records Center, Penn.

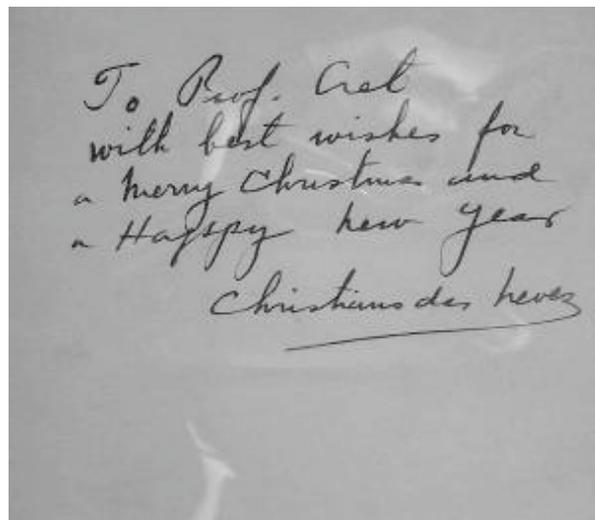


Figura 4 – Verso da imagem anterior, enviada por Neves, aos Estados Unidos, junto com a carta de 05 de dezembro de 1923.

Fonte: University Archives and Records Center, Penn.

Anos depois, descontente com o cancelamento de sua obra para a Estação da Central do Brasil, no Rio de Janeiro, e de seu afastamento das obras da Estação da

Sorocabana, em São Paulo, Stockler das Neves explicitou, em carta, seu desejo de imigrar aos Estados Unidos:

*“Como o senhor vê, é horrivelmente difícil ser um arquiteto aqui neste país, e eu penso que o mesmo ocorre em toda a América do Sul. (...) Se eu pudesse obter uma boa posição num escritório de Arquitetura nos “States” eu iria embora. Você pensa que lá [sic] haveria qualquer oportunidade para mim com algum dos seus amigos? Eu tenho 16 anos de experiência em importantes trabalhos (...) Eu tenho muita prática em construções em concreto armado também, e em construções gerais, além de sua superintendência, e em todo trabalho de escritório. Eu tenho 10 anos de experiência como professor de Arquitetura. Eu ministrei cursos em “Elements”, em consonância com seus métodos, e História, Construções e Design. (...). Eu não sou ambicioso. Eu apenas gostaria de uma posição que me desse um viver decente e, também, que me permitisse dar educação às minhas três crianças.<sup>8</sup> Eu falo francês, italiano, espanhol, português e inglês, esta última, não tão bem quanto as outras línguas” (CARTA DE C.S. DAS NEVES A W.P. LAIRD, 21 jun 1927; LAIRD PAPERS).*

Partidário das concepções de beleza clássica e de que a “arquitetura não era ciência”, Stockler impregnou o curso do Mackenzie desses princípios, que eram aceitos por grande parte da sociedade paulista e por muitos de seus pares naquelas décadas do século XX. Seus artigos demonstram uma simpatia pelas inovações americanas, de forma muito curiosa. Apesar de ser opositor declarado da arquitetura neocolonial e de seus maiores defensores, José Marianno Filho e Ricardo Severo, Stockler teceu, algumas vezes, elogios a essa manifestação, talvez pela adesão de Paul Philippe Cret a estas manifestações, como nos projetos para o *Pan American Union Building*, de 1907 e a Biblioteca da *Texas University*, de princípio dos anos 1930:

*“Attribuo esse movimento, formado por um pequeno numero de adeptos, a uma simples imitação do que americanos fizeram em relação á architectura colonial da Califórnia. É preciso, porém, considerar que as construcções modernas da Califórnia são originarias da Hespanha, muitíssimo mais fecunda em architectura [do que Portugal]. Os architectos americanos têm muita razão em desenvolver esta architectura, que, realmente, possui motivos bellissimos; há architectos americanos que se dedicam quasi exclusivamente a esse estylo, a que chamam ‘Spanish Renaissance’ e que o têm desenvolvido com grande proficiencia, devido ás viagens que fazem á Hespanha e Mexico. Esse é o estylo que devíamos cultivar por ser realmente agradável e adaptavel ao nosso clima e*

<sup>8</sup> Neves se casou, com 21 anos de idade, com Zita Guimarães, com quem teve, Elza, em 1914, Christiano Filho, em 1919, e Zita, em 1921 (SZOLNOKY, 1995, p.146).

*á nossa natureza. Nos 'films' americanos os leitores terão ocasião de observar as construções nesse estylo*" (NEVES, 1919, p.41).

Como se vê, o problema não estava na arquitetura neocolonial,<sup>9</sup> mas nas fontes que a alimentavam. No trecho citado, demonstrando conhecer a produção arquitetônica americana, Stockler comentou as "*construções modernas*" vindas da Califórnia. É possível afirmar em relação a esse repertório demonstrado por Neves, que ele conhecia vários livros que divulgaram o *mission style* pelo mundo, sobretudo os do arquiteto Rexford Newcomb, já que uma das principais obras desse autor, ***Mediterranean Domestic Architecture in the United States***, fazia parte da biblioteca do Mackenzie (ATIQUE, 2007). Se o *mission style* aparece na trajetória de Christiano Stockler das Neves,<sup>10</sup> esta arquitetura foi o principal mote da profissão de Edgard Pinheiro Vianna.

Nascido no dia 3 de setembro de 1895, em Campos dos Goytacazes, no estado do Rio de Janeiro; Edgard Vianna era filho de José Maria Vianna e de Maria Theresina Pinheiro Vianna. Apesar de fluminense, Vianna morou, durante toda a infância e adolescência, na cidade do Rio de Janeiro. Com 18 anos, nos primeiros meses de 1914, frequentou a Escola Nacional de Belas Artes, - ENBA -, no Rio de Janeiro (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER VIANNA).<sup>11</sup>

Tentar descobrir o que motivou a busca de Edgard Vianna por formação nos Estados Unidos tornou-se um dos pontos da pesquisa. Uma hipótese que, talvez, o tivesse levado aos Estados Unidos para se graduar, diz respeito à eclosão da Primeira Guerra Mundial, que teria inibido, ou até mesmo impossibilitado, a chegada de brasileiros à Europa. Entretanto, pondera-se que esta pode ser sido apenas uma das razões e, pela análise da documentação encontrada, talvez nem tenha sido a mais preponderante. A razão de maior relevância para a busca pelos Estados Unidos como opção de formação profissional, por Vianna, foi exatamente seu contato com a ENBA. Ali, ligações com os Estados Unidos já ocorriam, quer em termos de bibliografia,<sup>12</sup>

<sup>9</sup> Mesmo assim, Stockler das Neves jamais realizou algum projeto seguindo o neocolonial, nem o *Spanish Renaissance* que mencionou.

<sup>10</sup> Christiano Stockler das Neves faleceu em 1982, em São Paulo.

<sup>11</sup> Pelo que revelou a pesquisa, esta foi sua última obra construída, uma vez que veio a falecer em 30 de outubro de 1936, vítima de *angina pectoris*, no Rio de Janeiro, onde está sepultado.

<sup>12</sup> Para títulos presentes na Biblioteca da ENBA, consultar ATIQUE, 2008. Disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad\\_atique.htm](http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad_atique.htm).

quer por contato com docentes, que, embora não-americanos, eram colaboradores de periódicos estadunidenses. Esclarecendo este fato, convém dizer que não restam dúvidas de que a *School of Architecture* da *University of Pennsylvania* já era conhecida no Brasil, em função da revisão do sistema de ensino *beauxartiano*, que levou os docentes brasileiros a mirarem, também, as *Fine Arts Schools* norte-americanas. Neste sentido, a presença do professor Adolpho Morales de Los Rios, na ENBA, pode explicar a tomada de decisão de Vianna pelos Estados Unidos, já que este docente tinha comprovada vinculação com o universo editorial americano, pois era leitor assíduo e articulista eventual de publicações como a revista ***The American Architect and Building News***<sup>13</sup>. Afora isso, é sabido que na tese que apresentou ao concurso para provimento do cargo de professor de estereotomia na ENBA, em 1897, ele fez explícita referência ao modelo de ensino superior da *Stanford University*, nos Estados Unidos. Em suma: crê-se que a passagem de Vianna pela ENBA foi o estopim deflagrador de sua opção pela *University of Pennsylvania*.

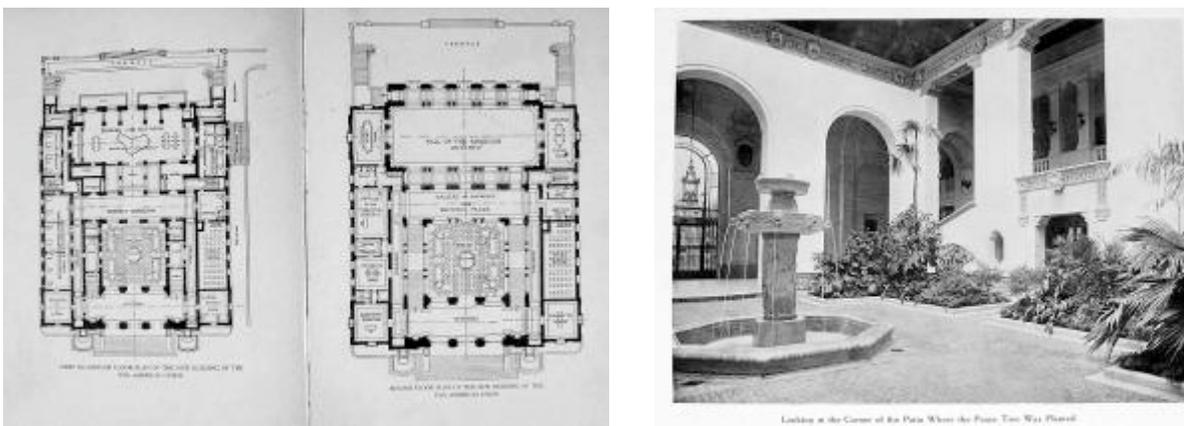
O prontuário de Vianna, na Penn, foi aberto em 23 de setembro de 1914. Se, nos primeiros anos do curso, Vianna demonstrou um desempenho acadêmico difícil, a partir do ano letivo de 1917, em função de um maior domínio da língua inglesa, bem como de sua aclimatação às regras acadêmicas e às formas de sociabilidade norte-americanas, ele obteve excelente desenvoltura acadêmica. Este incremento, segundo aponta Angyone Costa, no livro ***A inquietação das Abelhas***, publicado em 1927, garantiu-lhe “*varias premiações honrosas, nem sempre concedidas a estrangeiros*”, como “*o 2º lugar em concurso procedido entre as universidades americanas que possuem academias de arquitetura, pela Beaux Arts Institute of Design [sic]*”. Corroborando esta ideia, está o aceite do, então, estudante, dentro dos quadros da *Architectural Society*, entidade que só permitia o acesso de destacados alunos, garantindo aos membros aprofundamento de estudos e reconhecimento acadêmico e profissional entre seus pares, como visto.

Com relação à graduação de Edgard Vianna, é muito importante frisar que ele não foi aluno de Paul Philippe Cret. O frustrado encontro acadêmico de Paul Cret e Edgard Vianna extrapolou os meandros universitários, pois foi por conta da eclosão do conflito de 1914 que o francês ficou retido na Europa. Cret esteve envolvido no conflito

<sup>13</sup> Conferir ATIQUE, 2008. Disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad\\_atique.htm](http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad_atique.htm). Acesso em 13 de março de 2010.

por cinco anos, só retornando à Filadélfia, em 1919, exatamente no período em que Vianna chegou e partiu da Penn.

Analisando o conteúdo programático ministrado a Vianna, vê-se que não foi muito diverso daquele ministrado, pessoalmente, por Cret. Entretanto, durante sua ausência, a Penn valeu-se de alguns dos seus discípulos mais diretos para a ministração das disciplinas antes encabeçadas pelo francês. Em seu lugar, especialmente, esteve John Frederick Harbeson,<sup>14</sup> que o levou a expor aos alunos, durante as aulas de *Design*, as soluções projetuais de Cret, especialmente uma de suas obras mais famosas: o edifício-sede do *Pan American Union Building*, atual sede da Organização dos Estados Americanos – OEA - desenhado por Cret e Kelsey, em 1907, para Washington D.C. Este edifício, que externamente possui a aparência de uma “*Maison Française*”, é um conciliador das referências europeias e latinas de arquitetura, materializadas nos ornamentos incas, astecas, maias, e, sobretudo, nas soluções hispânicas de arquitetura, como um pátio central que se desenvolve em torno de uma fonte (GROSSMAN, 1996, p.27-43). Crê-se que foi por intermédio deste tipo de repertório divulgado em sala de aula, que Edgard Vianna se tornou um entusiasta da arquitetura de caráter hispânico, denominada *mission style*, da qual pode ser apontado como um dos maiores divulgadores no Rio de Janeiro.



Figuras 5 e 6– Plantas e Fotografia do Pátio do *Pan American Union Building*, de Cret e Kelsey.  
Fonte: University Archives and Records Center, Penn.

<sup>14</sup> Harbeson nutriu pelo francês um grau de admiração tão elevado, que chegou a batizar seu filho de “*Paul Cret Harbeson*”. (GROSSMAN, 1996).

Segundo o jornal carioca **A Noite**, em reportagem de 1924, a primeira casa “*estylô missões*” foi erigida por Vianna, na rua Jardim Botânico. O jornal traz importante argumentação a favor da casa em tela, mostrando a pertinência da mesma, em solo carioca:

*“O senhor Edgard Vianna, achando, talvez, analogia entre o stylô colonial brasileiro e o ‘Spanish Mission Style’, ou o stylô das missões hespanholas, em uso na California, e considerando semelhança do nosso e do clima daquellaregião norte-americana, edificou no Rio de Janeiro (...) a primeira casa de stylô ‘Missões’. O architecto, conforme teve occasião de dizer-nos, procurou imprimir ao edificio o pittoresco cunho hespanhol, com seus balcões, os seus vasos floridos, o seu ferro batido e o roseo suave da telha canal. (...) Não lhe sendo possível desenvolver o pateo interno que caracteriza o stylô, o architecto lançou mão do recurso de enriquecer o jardim principal, collocando uma fonte de azulejos no eixo da sala de visitas” (A NOITE, 22/09/1924, s/p.).*

Por conta dessa arquitetura “missioneira” ele conquistou, em 1926, o grande prêmio no Primeiro Concurso de Fachadas promovido pela Prefeitura do Rio, com umas das duas casas construídas para a família Terry Parker, à rua Mauá, número 64, em Santa Teresa. (ARCHITECTURA NO BRASIL. n.25, v.5, a. III, nov, 1925, p.16-18: 23 - separata de desenhos). Esta casa foi publicada em diversos meios, em especial nas revistas **Architectura no Brasil** e **A Casa** (A CASA . a.VI, n.66, dez, 1928, p.28-31).

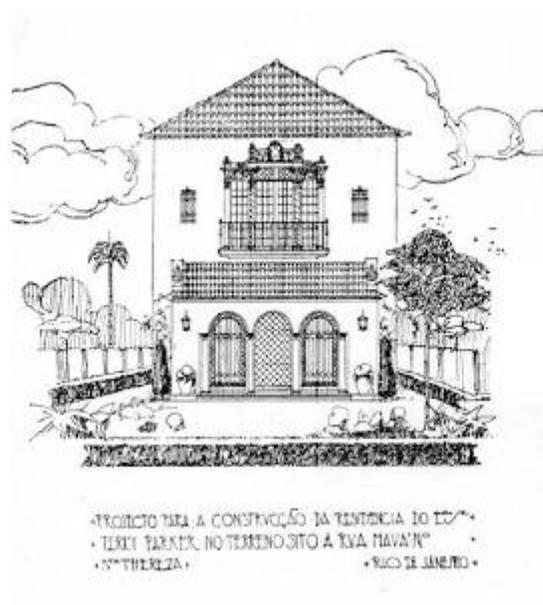


Figura 7 e 8 – Fotografia e Elevação das Casas da Rua Mauá, no Rio de Janeiro.  
Fonte: Architectura no Brasil, n.25, v.5, a. III, nov, 1925.

O escritório de Edgard Vianna foi ponto de referência para a formação de muitos arquitetos, e era, também, procurado com frequência pela imprensa carioca, e pelos críticos de arquitetura de sua época, como o já citado ***A Inquietação das Abelhas***, de 1927 revela. Ali, Vianna discorreu sobre a sociedade americana, seus marcos arquitetônicos e seu modo de projetar, nos anos 1920:

*“Durante a minha longa estada na America do Norte tive ocasião de ver e estudar, em realidade, esses formidáveis exemplos de energia americana. Como já tive ocasião de dizer pela imprensa, o ‘skyscraper’ [sic] americano reflecte o espirito desse grande povo de organização perfeita, idéas inovadoras e capacidade de trabalho admirável! Sente-se que ao contemplal-os que, se os retirássemos dalli, teríamos aberto falhas insubstituiveis, e dahi o podermos afirmar a necessidade de sua construcção. Construir um ‘skyscraper’ [sic] é, a meu ver, um problema que deve ser seriamente encerrado. Os longos annos de experiencia dos americanos, nesse genero de construcções, deram-lhes grandes ensinamentos que nos poderão ser de incomparavel utilidade. Com o tino pratico que possuem, elles têm abordado o problema pelo lado financeiro, constructivo e esthetico. Tenho acompanhado de perto e com o maior interesse a evolução constante desse typo de architectura e, francamente, devo dizer que, para fazer um ‘arranha-céo’ não basta construir quatro paredes, fazer aberturas para janellas, amontoar decorações a esmo, sem obedecer a um partido definido de composição.” (COSTA, 1927, p. 276).*

Vianna, no texto acima, faz questão de pontuar sua presença nos Estados Unidos e expõe que, durante sua graduação, o tema da verticalização também fez parte dos estudos ministrados na Penn, o que ajuda a entender um pouco melhor o escopo de temáticas trabalhadas na *School of Architecture*.

Vianna, Neves, Curtis, Preston e Krug, mais detidamente analisados neste artigo, mostram uma multiplicidade de inserções e de rumos seguidos pelos arquitetos egressos da Penn, no Brasil. Embora as trajetórias sejam individuais, reflexos das próprias vidas e de ideologias aos quais se vincularam, convém mostrar a pertinência de enxergar que o ensino americano, por eles vivenciado, proporcionou a disseminação de referências estadunidenses, em diversos níveis, no país: bibliografia, aspectos formais, políticas e sistemas de organização profissional, revelando a

riqueza, as leituras, os diálogos e os conflitos que ajudaram a caldear a Modernidade no Brasil, um país que se posicionou entre os fluxos transatlânticos, interamericanos e pan-americanos.

## Referências Bibliográficas

A NOITE. A primeira casa estylo missões do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 22 set 1924, s/p.

ARCHITECTURA e CONSTRUÇÕES. São Paulo: v.1, n.1, jul 1929.

ATIQUE, Fernando. Arquetetando a "Boa Vizinhança": a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876-1945. (Tese de doutorado). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. A recepção de referências americanas no curso de Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes. 19&20, Rio de Janeiro, v. III, n. 2, abr. 2008. Disponível em: [www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad\\_atique.htm](http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad_atique.htm). Acesso em 15 de mar 2010.

\_\_\_\_\_. **Em busca de profissão nos Estados Unidos:** pesquisa e documentação sobre a formação de brasileiros na "University of Pennsylvania", entre 1876 e 1950. Relatório final do processo 3789/05-5 apresentado à CAPES. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. Os elos entre a University of Pennsylvania e a arquitetura do Brasil, através da trajetória profissional de George Henry Krug. 19&20, Rio de Janeiro, v. IV, n. 1, jan. 2009. Disponível em: [www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/atique\\_krug.htm](http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/atique_krug.htm). Acesso em 10 jan 2010.

BERNARDINI, Sidney Piochi. Construindo infra-estruturas, planejando territórios: a Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Governo Estadual Paulista (1892-1926). (Tese de Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2008.

COSTA, Angyone. **A inquietação das abelhas:** inquérito sobre a vida artística brasileira. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello e Cia., 1927.

DUAS RESIDENCIAS em estylo 'missões hespanholas' á rua Mauá, n. 62 e 64 – Santa Theresa. Edgar P. Vianna, architecto. **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro: n.25, v.5, a. III, nov, 1925, p.16-18, p.23, separata de desenhos.

DURAND, José Carlos. **Arte, privilégio e distinção:** artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855 / 1985. São Paulo: Perspectiva, 1989.

FICHER, Sylvia. **Ensino e profissão:** o curso de engenheiro-arquiteto da Escola Politécnica de São Paulo. (Tese de doutorado). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1989. 2v.

FOUNDATION for Architecture. **Philadelphia Architecture:** a guide to the city. Philadelphia: Duke & Company, 1994.

GROSSMAN, Elizabeth Greenwell. **The civic architecture of Paul Cret**. New York: Cambridge University Press, 1996.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. **Higienópolis:** grandeza e decadência de um bairro paulistano. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo / Secretaria Municipal de Cultura, 1981. (Série história dos bairros de São Paulo, v. 17).

KOYL, George Simpson. In: Architectural Alumni Society. **Book of the School**. Department of Architecture, University of Pennsylvania, 1874-1934. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1934.

- LEMOS, Carlos A. C. **Ramos de Azevedo e seu escritório**. São Paulo: Pini / Lix da Cunha, 1993.
- MORALES DE LOS RIOS, Adolpho. The rebirth of Rio de Janeiro. **The American architect and building news**. N. 21, Jul, 1906, p.20 – 28.
- MORRIS, Edwin Bateman. History of the School. In: ARCHITECTURAL ALUMNI SOCIETY. **Book of the School**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1934.
- NEVES, Christiano Stockler das. Architectura Colonial. In: **Revista de Engenharia do Mackenzie College**, n.19, jul, 1919.
- NEWCOMB, Rexford. **The Franciscan mission architecture of Alta California**. New York: Dover Publications, 1916.
- \_\_\_\_\_. **Spanish – Colonial Architecture in the United States**. New York: J.J. Augustin, s.d.
- \_\_\_\_\_. **The Mediterranean Domestic Architecture in the United States**. Cleveland: Janson, 1928.
- O PAIZ. O Arranha-céu e o Rio de Janeiro. Póde a nossa cidade ter o 'sky scraper'? Como deve ser o arranha-céu carioca? 'O Paiz' em prosequimento da sua 'enquête', ouve os architectos constructoes Preston & Curtis e Lucio Costa. Rio de Janeiro: ano XLIV, n. 15.960, 1 jul; 1928c, p.1 e 4.
- PEREIRA, Gustavo. **Christiano Stockler das Neves e a formação do curso de arquitetura no Mackenzie College**: um estudo sobre as École de Beaux-Arts e as Fine Arts Schools norte-americanas. (Dissertação de mestrado). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2005.
- SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. **Christiano Stockler das Neves**: o opositor do "Futurismo" em São Paulo. In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; PECHMAN, Robert. Cidade, Povo e Nação: gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- SOCIEDADE Central de Architectos. **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro: n.1, v.1, a. I, out, 1921, p. 24-28.
- SZOLNOKY, Maria Teresa de Stockler e Breia E. **O ensino de arquitetura e Christiano Stockler das Neves**. (Dissertação de mestrado). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1995.
- THE ARCHITECTURAL RECORD. Architectural Schools in the United States: University of Pennsylvania - n. 2. New York: v. 10, p.314-335, mar. 1901.
- UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA. Architectural Archives. Alumni, Vianna.
- \_\_\_\_\_. **Catalogue and Announcements: 1893-1894 – The College**. Philadelphia: Penn Press, 1894.
- \_\_\_\_\_. **Catalogue: 1910-1911**. Philadelphia: Penn Press, 1911.
- \_\_\_\_\_. **School of Fine Arts**: courses in Architecture, Landscape Architecture, Music and Fine Arts. Announcement 1924-1925. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1924.
- \_\_\_\_\_. **Special announcement of the organization and courses of study of the new Department of Science to be opened September, 1872**. Philadelphia: Collins Printer, 1872.
- \_\_\_\_\_. **The Medical Scope**: Record of the Class of Nineteen Fourteen. Philadelphia: The Senior Class of The School of Medicine, 1914.
- \_\_\_\_\_. **The Record of the Class of 1909**. Philadelphia: The Senior Class of the College, 1909.
- \_\_\_\_\_. **The Record of the Class of 1911**. Philadelphia: The Senior Class of the College, 1911.
- \_\_\_\_\_. **The Record of the Class of 1919**. Philadelphia: The Senior Class of the College, 1919.

- \_\_\_\_\_. University Archives and Record Center, folder C.S. das Neves.
- \_\_\_\_\_. University Archives and Record Center, folder G.H. Krug.
- \_\_\_\_\_. University Archives and Record Center, folder J.P. Curtis.
- \_\_\_\_\_. University Archives and Record Center, folder W.P. Preston.
- \_\_\_\_\_. University Archives and Record Center. **Correspondence from L.C. Hill to C.S. das Neves, May 17, 1947.**
- \_\_\_\_\_. University Archives and Record Center. **Correspondence from C.S. das Neves to W.P. Laird, 1927.** Laird Papers – 1927.
- \_\_\_\_\_. University Archives and Record Center. **Correspondence from W.P. Laird to W.P. Preston, Mai 5, 1927.** Laird Papers - 1927.
- \_\_\_\_\_. University Archives and Record Center. **Correspondence from W.P. Laird to E. Vianna, May 5, 1927.** Laird Papers - 1927.
- \_\_\_\_\_. University Archives and Record Center. **Correspondence from C.S. das Neves to W.P. Laird, Dec 5, 1923.** Laird Papers – 1923.
- \_\_\_\_\_. University Archives and Record Center. **Correspondence from C.S. das Neves to W.P. Laird, Jun 21, 1927.** Laird Papers – 1927.
- VIANNA, Edgar P. O Problema Arquitetonico Nacional – a casa deve ser feita para o homem, e não o homem para a casa. **O Jornal.** 03 set 1931, s/p.